

Teófelso Etelvino do Amaral*

Topofilia como factor de Extrativismo Vegetal do Caniço (*Phragmites australis*) na Comunidade de Bembe

RESUMO

O caniço é uma gramínea florestal não madeireira pertencente à ordem *Poales*, membro da família *Poideae* (Festucoideae). Em Moçambique são encontradas duas espécies, nomeadamente *Phragmites australis* (Cav.) Trin. Ex-Steud e *Phragmites mauritanica* Kunth, sendo a primeira o nosso objecto de estudo. Este artigo visa analisar a topofilia na perspectiva de extrativismo vegetal do caniço (*Phragmites australis*) na Comunidade de Bembe. Foi aplicada a pesquisa qualitativa conduzida sob forma de estudo de caso, aplicando, como técnicas de recolha de dados, as entrevistas semiestruturadas aplicadas aos moradores extractores de caniço de Bembe e a observação sistemática. Através da amostragem não probabilística denominada “Bola de Neve” conseguiu-se quinze (15) sujeitos sociais (moradores extractores de caniço de Bembe). O extrativismo vegetal do caniço é realizado predominantemente por homens, porém familiares contribuem nos picos da extração. Para além de constituir o principal material usado na construção de casa outras formas de aproveitamento, dentro e fora da comunidade, o caniço agrega valor ao produto florestal, preservando a cultura dos antepassados, pois para além da intimidade física do contacto, a terra se configura como um repositório de lembranças pelos moradores, sejam elas individuais, sejam elas colectivas.

Palavras chave: Topofilia, Extrativismo Vegetal, Caniço (*Phragmites australis*).

ABSTRACT

The reed is a non-timber forest grass belonging to the order *Poales*, a member of the family *Poideae* (Festucoideae). Two species are found in Mozambique, namely *Phragmites australis* (Cav.) Trin. Ex-Steud and *Phragmites mauritanica* Kunth, the former being our object of study. This article aims to analyse topophilia from the perspective of plant extraction of reed (*Phragmites australis*) in the Bembe Community. Qualitative research was conducted in the form of a case study, using semi-structured interviews with reed extractors in Bembe and systematic observation as data collection techniques. The non-probabilistic ‘snowball’ sample was used to identify fifteen (15) social subjects (residents who extract reeds in Bembe). The plant extraction of reeds is predominantly carried out by men, but family members contribute at peak times. As well as being the main material used to build houses and other forms of utilisation, both inside and outside the community, the reed adds value to the forest product, preserving the culture of the ancestors, because beyond the physical intimacy of the contact, the land is configured as a repository of memories for the residents, both individual and collective.

Keywords: Topophilia, Plant Extractivism, Caniço (*Phragmites australis*).

1. Introdução

O conceito de topofilia criado pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan em 1974. Tal conceito busca compreender como os seres humanos se relacionam com o meio ambiente para, encontrar soluções para problemas ambientais, sejam eles de ordem económica, política ou social.

Topofilia, segundo Tuan (1980: 4), é “[...] o elo afectivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”.

O extrativismo vegetal na comunidade de Bembe constitui uma actividade em que os extractores se apropriam dos bens fornecidos no Rio Nhanombe, fundamentalmente o caniço (*Phragmites australis*) visando a obtenção de renda ou produtos que lhes proporcionem melhores condições de vida. Devido à interação e ao sentimento de pertencimento ao ambiente da baixa de Bembe, que caracteriza uma identidade cultural específica, tal actividade promove o processo de percepção favorável ao ambiente.

No Bairro Bembe, concretamente na comunidade do mesmo nome, no percurso das águas do Rio Nhanombe é desenvolvida a actividade de extrativismo vegetal que consiste na extração do caniço, praticado maioritariamente pelos homens. O extrativismo do caniço tem grande importância para os extractores, destacando que é uma das principais fontes de renda na comunidade de Bembe, além de contribuir na preservação da cultura dos antepassados.

Esta pesquisa com o objectivo de analisar a topofilia na perspectiva de extrativismo vegetal do caniço (*Phragmites australis*) na Comunidade de Bembe foi aplicada quanto a abordagem a pesquisa qualitativa enquadrada na perspectiva exploratória e descritiva conduzida sob forma de estudo de caso e embasadas como técnicas de recolha de dados a entrevistas semiestruturadas, observação e os participantes foram seleccionados por meio da técnica “Bola de Neve” e por fim, redigiu-se o artigo, aliando contribuições encontradas na literatura e opiniões dos autores.

Estruturalmente, o artigo para além da introdução apresenta material e métodos; características físicas geográficas da área de estudo; revisão bibliográfica, resultados e discussão, considerações finais, bem como as referências bibliográficas.

2. Revisão da Literatura

Nos últimos anos tem aumentado consideravelmente o reconhecimento das florestas como um rico depósito de valores e não apenas como mata (Nhantumbo & Soto, 1994). O valor das florestas deriva não só dos produtos madeireiros, mas também dos não madeireiros.

Canhão (*Phragmites* spp.), do grego *phragma*, significa vedação ou cerco: aludido ao seu crescimento ao longo dos cursos de água e que lembram uma vedação ou sebe. Em Moçambique são encontradas duas espécies, nomeadamente *Phragmites australis* (Cav.) Trin. Ex-Steud e *Phragmites mauritanica* Kunth (Myre, 1971), e só diversos nomes vernaculares. O caniço é

uma gramínea pertencente à ordem *Poales*, membro da família *Poideae* (Festucoideae), com o sistema fotossintético C3.

O caniço é uma planta vivaz, podendo atingir uma altura de 1 a 4 m, de rizoma comprido, rastejante, lenhoso e envolvido por escamas, formando tufos frouxos na Primavera e Verão. Os colmos (caules) são erectos, simples ou ramificados, algo flexíveis e com entrenós largos. Prefolheação enrolada. As folhas são alternas, largas, lineares a linear-lanceoladas, maiores na parte superior, sem aurículas e com lígula constituída por uma orla de pêlos longos, brancos e sedosos (Nhantumbo & Soto, 1994).

A bainha é roliça e glabrescente. As flores dispõem-se em espiguetas com 3 a 7 flores distantes umas das outras (a inferior é masculina e as restantes hermafroditas), reunidas em panícula plumosa de até 50 cm de comprimento, oblonga a ovóide, densa a frouxa, direita e pendente, frequentemente acastanhada ou purpúrea. Eixo das espiguetas (ráquila) com pêlos abundantes, sedosos, esbranquiçados e compridos. Os frutos são secos e indeiscentes (cariopses), envolvidos pelas glumelas, com uma semente, disseminando-se com uma porção da ráquila.

O caniço é um produto florestal não madeireiro e entanto que recurso natural é, nos termos da legislação moçambicana, propriedade do Estado, pois os recursos naturais situados no solo e no subsolo, nas águas interiores, no mar territorial, na plataforma continental e na zona económica exclusiva são propriedade do Estado.

A exploração de caniço vem sendo praticada desde há muitos anos e tem registado alguma evolução em virtude do crescimento das necessidades em material de construção precária de que é componente básico.

Apesar de as duas espécies de caniço serem usadas para as mesmas finalidades, a espécie *Phragmites australis* (Cav.) Trin. Ex-Extend. utiliza-se para fazer as paredes e a cobertura das casas, para as vedações, esteiras para celeiros de amendoim, mandioca e feijão, sendo que, as suas folhas quando são novas servem de alimentação para o gado bovino. Por seu turno, a espécie *Phragmites mauritanica* Kunth, por possuir colmos mais fortes ou mais rijos do que a outra espécie, é especialmente indicada para a confecção de esteiras para leitos de dormir e para construção de armadilhas para peixes.

A exploração de canico é fundamental, pois à semelhança de outras formas de exploração de produtos florestais não madeireiros, providencia para muitas famílias forragens para gado, materiais de construção e rendimentos fora do trabalho agrícola (Nhantumbo, I. & Soto, S., 1994).

3. Topofilia na perspectiva do Extrativismo Vegetal

O extrativismo é uma maneira de produzir bens na qual os recursos naturais úteis são retirados diretamente da sua área de ocorrência natural, em contraste com a agricultura, o pastoreio, o comércio, o artesanato, os serviços ou a indústria (Tuan, 1980).

A domesticação dos recursos extrativos foi iniciada a partir do período pré-histórico neolítico, isso é, há cerca de dez mil anos. A partir dessa época, estima-se que das 300.000 espécies existentes na face da Terra, cerca de 3.000, encontradas primitivamente na natureza foram, progressivamente, selecionadas, adaptadas e cultivadas. Dessas, apenas 100 espécies de plantas são cultivadas em larga escala e apoiam a produção rural e inúmeras actividades que as complementam (Homma, 1985).

O olhar individual e colectivo sobre o ambiente em que os indivíduos estão inseridos traduz as experiências vividas, compartilhadas e percebidas, possibilitando a construção de sua identidade permeada por memórias e lembranças. A imagem ambiental que é projetada por cada um é constituída por três componentes fundamentais: identidade, estrutura e significado. O significado é o componente precursor para uma nova leitura do meio, envolvendo uma relação de carácter prático ou emocional entre o objeto e o observador (Lynch, 2011).

A actividade extrativa caracteriza-se pela oferta fixa determinada pela natureza. O início da extração pode ser entendido como tendo uma oferta potencial (S) de determinado recurso natural como um bem livre. As curvas de oferta e demanda não têm interseção, uma vez que a extração do recurso se destina essencialmente à utilização direta dos próprios extractores.

Cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive; são os valores presentes nas manifestações resultantes da percepção – cultura, história, religião, classe social e uma série de outros – que influenciam directamente no processo, o que explica que indivíduos atuantes em um mesmo grupo social expressem atitudes e pensamentos distintos, como também semelhantes. Sendo assim, as relações de influência da comunidade no ambiente e como este influencia o ser humano resultam dos modos culturais de interação do sujeito no espaço. Hall (2006) considera que a interação e o sentimento de pertencimento ao ambiente caracterizam uma identidade cultural, podendo promover o processo de percepção favorável ao ambiente.

Nesse âmbito, os processos perceptivos orientam a relação dos seres humanos com o mundo natural e podem servir como elementos na compreensão de diferentes concepções e propostas de intervenção sobre o ambiente natural. Assim, o meio de perceber a realidade está directamente

interligado aos padrões culturais existentes na comunidade, sendo que, modificando os padrões culturais determinados historicamente, modifica-se a percepção sobre o meio ambiente (Masson, 2004). Okamoto (2002) explica que as modificações nos padrões citados são resultantes de filtros, que podem ser sensoriais, fisiológicos e culturais.

Pensar o ambiente na forma como é percebido e vivido alimenta o sentimento topofílico de cada sujeito. De acordo com Tuan (2012), a topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar, incluindo os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Para o autor, o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas oferece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais.

No entanto, o processo de organização e interpretação das sensações percebidas pelos indivíduos varia conforme as relações significativas estabelecidas com o ambiente. O sentimento topofílico dos agricultores e moradores de comunidades rurais diferencia-se muito ao daqueles que vivem em centros urbanos ou que vivem de acordo com o *status* socioeconómico. Para os agricultores e trabalhadores rurais, não existe a externalidade entre o “eu” e a natureza como é vista nas relações alicerçadas pelo paradigma antropocêntrico, em que o ser humano se tornou a medida autorreferente para todas as coisas (Alves, 2012). Esse dualismo do mundo funda-se na suposta separação real e objetiva entre o ser humano e natureza, corpo e mente.

Assim, de acordo com Tuan (2012), a topofilia do agricultor está baseada na intimidade física com a terra e sua dependência material, considerando que a agricultura de subsistência consiste em um sistema que visa fundamentalmente à sobrevivência do agregado familiar (Correia, 2013), de forma a suprir as necessidades alimentares das famílias, sem o objetivo do lucro.

Para além da intimidade física do contacto, a terra se configura como um repositório de lembranças pelos moradores, sejam elas individuais, sejam elas colectivas. Os “lugares de memória” descritos por Lé Bossé (2004) são locais de expressão privilegiados que estimulam a capacidade de recordar, preservar e perpetuar um passado, fazendo parte de um sentimento identitário. A atribuição simbólica e a noção de pertencimento de cada indivíduo com o seu local de vivência são permeadas por sentimentos de esperança, amor, gratidão, reconhecimento e coletividade, podendo ser compartilhadas suas crenças, tradições e histórias com os demais.

4. Material e Métodos

Foi aplicada a pesquisa qualitativa conduzida sob forma de estudo de caso, aplicando, como técnicas de recolha de dados, as entrevistas semiestruturadas aplicadas aos moradores extractores de caniço de

Bembe e a observação sistemática. Através da amostragem não probabilística denominada “Bola de Neve” conseguiu-se quinze (15) sujeitos sociais (moradores extractores de caniço de Bembe).

O esquema representa a síntese dos procedimentos metodológicos incluindo o tipo de pesquisa, abordagem, o lugar de estudo, a natureza e as técnicas de recolha dos dados.

Figura 1. Esquema de procedimentos metodológicos



Fonte: Autor (2024)

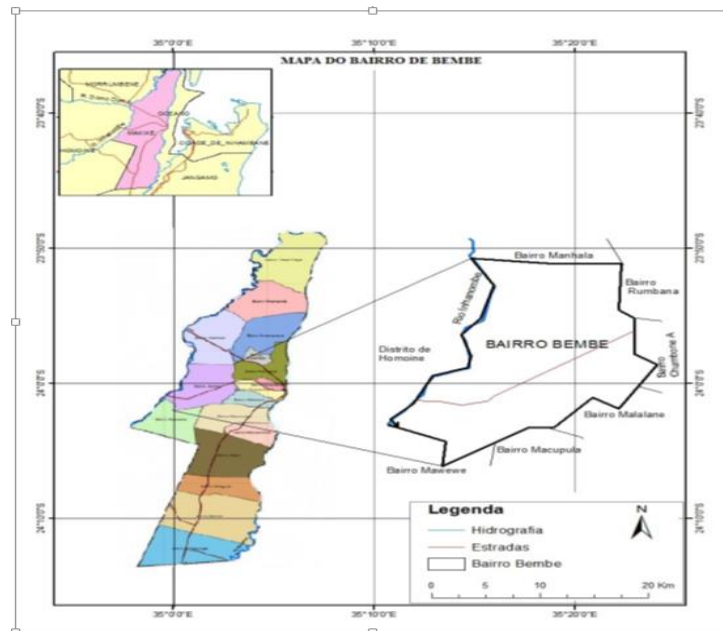
A comunidade de Bembe localiza-se geograficamente a Noroeste do Município de Maxixe na faixa costeira da Província de Inhambane, na região Sul de Moçambique, entre as coordenadas 23° 52” de Latitude Sul e 35° 21” de Longitude Leste e limita-se a Norte Bairro Habana; Sul Bairro Mawewe; Este Bairros Maquetela e Macupula e Oeste Rio Inhanombe.

Bembe é caracterizado por um clima tropical húmido. A temperatura média anual varia de 20,5 °C a 26,9 °C. A média máxima ocorre no mês de Janeiro e a mínima em Julho. A temperatura máxima média varia entre os 24,8 °C e 30,9 °C e a mínima média entre 15,7 °C e 22,8 °C. A precipitação média anual é de, aproximadamente, 965 mm.

A área de estudo faz parte de uma zona de planícies. Ao longo do litoral encontram-se áreas aplanadas com uma grande largura, assim como alguns pontos declivosos virados para a baía, onde os fenómenos de erosão são. Os solos de Maxixe são constituídos por areias finas de fertilidade e retenção de água baixa, surgindo, contudo algumas áreas onde os solos são férteis. Para além de areias finas, existem áreas pantanosas, ao longo do Rio Inhanombe e no litoral a Sul do centro da cidade, constituídas por material muito fino (Abreus Consultores, 2003).

No que concerne à vegetação, a cidade é caracterizada pela existência de culturas como coqueiros, cajueiros, mangueiras, eucalipto e alguma vegetação rasteira, constituída por ervas e arbustos apenas no período de pousio.

Mapa 1. Localização geográfica da área de estudo.



Fonte: Autor, 2024

No município da Maxixe concretamente no Bairro de Bembe, passa o rio Inhanombe que separa a cidade da Maxixe do Distrito de Homoine, e que constitui o espaço físico geográfico em que a Associação 1º de Maio pratica a agricultura.

5. Resultados e Discussão

Em relação ao histórico e percepções sobre a actividade extrativista, segundo os entrevistados que nasceram na comunidade (92,6%), a extração do caniço é realizada neste local há mais de 45 anos. Quando questionados sobre o que mudou na extração do caniço até os dias actuais, eles levantaram dois aspectos: quantidade extraída e aumento da importância, por meio da valorização do fruto e consequentemente seu melhor aproveitamento.

“[...] venho praticando esta actividade há muito tempo” (informação verbal)

“[...] pratico a extração do caniço antes da guerra civil em Moçambique que começou em 1977, dois anos após o fim da Guerra de Independência Nacional” (informação verbal)

“[...] eu acho que o facto de ser desta comunidade permitiu-me que fosse alguém que pratica esta actividade de rendimento familiar” (informação verbal)

Para os entrevistados que não nasceram na comunidade de Bembe, não houve mudanças na extração do caniço. Neste sentido, pode-se afirmar que o tempo de residência pode influenciar principalmente no nível de percepção na relação do indivíduo com o ambiente (TUAN, 2012).

Durante a entrevista, também foi questionado o porquê de se extrair o caniço. A pergunta foi aberta e os entrevistados puderam responder conforme a percepção de cada um. Assim, os motivos citados foram baseados em três motivações: 39,05% dos exploradores responderam que extraem o caniço pelo afecto pelo local (Baixa de Bembe) onde praticam o extrativismo; 22,85% extraem devido ao facto de ser uma actividade que os seus antepassados sempre praticavam e 38,1% objectivam a renda obtida pela comercialização. Assim, o afecto pelo local constitui um dos fatores que mais estimula os entrevistados para extração, ressaltando a importância do caniço para cada extrativista.

“[...] pratico a extração do caniço pelo motivo de afecto que tenho com este lugar” (informação verbal)

“[...] meus pais em vida praticaram esta actividade e como forma de imortalizá-los corto caniço para usar e vender” (informação verbal)

“[...] eu corto caniço porque constitui minha actividade de rendimento para sustentar a minha casa” (informação verbal)

Sentir-se “parte” e “fazer” parte de algo se constitui no processo de compreensão do “eu” em comunhão com o mundo, com a realidade existente e as relações sociais estabelecidas no contexto vivido e em transformação. A organização social que permite essa íntima ligação com os elementos que a configuram e com o sentimento de pertença do sujeito é a comunidade. Distante de ser um consenso, a definição de comunidade abarca diferentes abordagens, pelo facto de apresentar dinamicidade e mudança ao longo do tempo.

A localização do lugar que o torna mais bonito e a facilidade de comunicação são elementos que contribuem para o maior afecto com a comunidade. Corroborando com Tuan (2012) o “fenómeno da paisagem” que é percebido pelos extractores não se resume apenas à sua composição geográfica, mas carrega em si todas as experiências vividas e lembranças daquele lugar, envolvendo manifestações afectivas, emocionais, familiares e cognitivas. Outrossim, a paisagem remete-se a uma imagem integrada, a qual é constituída pela mente e pelos sentidos, residindo na íntima interação do sujeito com a paisagem, a partir de elementos objetivos e subjetivos, ou seja, aqueles que não se pode observar.

A extração do caniço constitui uma das mais primitivas maneiras de extração dos meios de subsistência do homem. No entanto, essa actividade, chamada de extrativismo vegetal, ainda é

praticada correspondendo à colecta de produtos retirados da natureza. Assim, o extrativismo tem uma longa história na comunidade de Bembe, contribuindo para sustentar pessoas que viveram e ainda vivem lá, antes e depois da conquista europeia. Ele não pode ser desprezado como uma novidade comercial, ou uma “moda” de ambientalistas urbanos que favorece um grupo de interesse (extractores), e nem mesmo como uma “distorção” introduzida pelos colonizadores europeus.

A floresta de caniço foi em parte modificada pela acção humana. O extrativismo dá origem a ou perpetua economias de mera subsistência que não superam baixos níveis de produtividade e de bem-estar.

A memória é uma ferramenta ao se delinear, simbolizar e classificar o mundo. O meio social exerce grande influência sobre a memória do indivíduo. Como cada indivíduo estabelece uma troca com seu grupo e com toda a sociedade, a memória é por si só coletiva, sendo, uma construção de natureza social. É necessária a produção do discurso a partir das comunidades, do contrário será efetuada por outros atores, tirando o domínio das lembranças do grupo narrado. Assim outros serão responsáveis pela a definição do que será lembrado e esquecido da história do grupo de referência chegando ao ponto que os próprios atores tomam posse dessa perspectiva externa (Bonella, 2008).

Na comunidade de Bembe há um misto de emoções quando os exploradores do caniço relembram suas infâncias, ainda mais quando relacionadas às áreas verdes. As áreas verdes em si, remetem boas sensações, no entanto, para alguns, podem vir somadas a outras lembranças.

Essa percepção é compartilhada pelos extractores de caniço, como pode ser percebido pelos diálogos registados na entrevista:

“[...] cortar caniço lembra-me quando estivéssemos de férias escolares não viajava, mas sim ficava a praticar esta actividade competindo com os meus irmãos e amigos na comunidade” (informação verbal)

“[...] eu não gostava de sair para casa da minha mãe, pois estava separada do meu pai, porque tinha que brincar com meus amigos e a principal brincadeira era cortar o caniço no rio” (informação verbal)

O conceito de comunidade surgiu no intuito de se diferenciar do conceito de sociedade, com o qual é comumente confundido e utilizado como sinónimo. A comunidade é baseada nas relações naturais, envolvidas por sentimentos como afectividade, amor, compreensão, gratidão e fidelidade, tendo a não racionalidade como orientadora das atitudes, na qual os indivíduos permanecem incorporados em um contexto vital amplo e orgânico, reconhecendo um ao outro

nos seus respectivos estados. A sociedade já é baseada em relações racionais, voltadas para o egoísmo, individualismo, ambição econômica e ganância, em que as relações são estabelecidas por contratos recíprocos, reguladas por convenção social e leis.

Concordando com Tonnies (2002) nos extractores de caniço em Bembe a comunidade passa a ter uma delimitação que vai além das fronteiras e dos limites geográficos e espaciais estabelecidos. Esse facto é percebido pelo relato de um dos extractor, que reside em uma comunidade que não é reconhecida como Bembe, porém ele se sente parte dela.

Na fala do entrevistado, o pertencer à comunidade é fortalecido pela convivência, amizade, confiança e pelo trabalho que unificou os interesses em comum. Essa noção de delimitação da comunidade se refere muito à noção de fronteiras comunitárias abordada por Cohen (1985), quando considera as fronteiras como delimitações mentais dos indivíduos, sendo uma construção simbólica, e que sua fluidez depende da subjectividade individual, crucial na fluidez da conceitualização da própria comunidade, alterando-se com as diferentes percepções e significados que cada um lhe confere.

Os extractores se mostraram bastante com satisfação em morar na comunidade justificando pela tranquilidade, bem-estar, sossego, ser nativo da comunidade e o facto de ser extrativista de caniço a longos anos.

Para Tuan (2012, p. 144), “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”, remetendo-se aos laços estabelecidos com a natureza ou recorrendo à história, expondo a saudade do seu lar. Nesse sentido, sentir-se parte da comunidade atual em que vive não exclui o afeto com o lugar de origem.

O olhar dos extractores para o prazer e bem-estar está directamente associado ao produto final do trabalho e ao que se pode usufruir dele, tendo como a maior gratificação ver o resultado de todo o esforço e empenho colocado na plantação.

6. Considerações finais

O extrativismo vegetal do caniço é realizado predominantemente por homens, porém familiares contribuem nos picos da extração. Para além de constituir o principal material usado na construção de casa outras formas de aproveitamento, dentro e fora da comunidade, o caniço agrega valor ao produto florestal, preservando a cultura dos antepassados, pois para além da intimidade física do contacto, a terra se configura como um repositório de lembranças pelos moradores, sejam elas individuais, sejam elas colectivas.

Na comunidade de Bembe a topofilia no contexto do extrativismo vegetal do caniço é algo complexo, a história de vida de cada um, as vivências únicas e singulares e as teias de conexões de cada um, moldou e molda esta relação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREUS CONSULTORES LDA. (2008). *Plano de Urbanização. Diagnóstico da situação actual*. Maxixe.

BONELLA, M.B.S. (2008). *Projecto Escritores da Própria História: um relato da experiência da prática da comunicação comunitária para o desenvolvimento humano*. In: VI Encontro Nacional de História da Mídia.

HOMMA, A.K.O. (1985). *Intocabilidade, exploração económica e depredação dos recursos naturais: o caso do extrativismo vegetal na Amazônia*. Rio de Janeiro.

MAYRE, M. (1971). *As pastagens da região do Maputo*. Maputo: Instituto de Investigação Agronómica de Moçambique.

MUCHANGOS, A. (1999). *Moçambique Paisagens e Regiões Naturais*. Maputo.

NHANTUMBO, I. & SOTO, S. (1994). *Mercado de Produtos Madeireiros e não Madeireiros*. Maputo.

SANTOS, Amanda Basílio, et. all. (2019). *Fontes, Métodos e abordagens nas ciências humanas*. Paradigmas e perspectivas contemporâneas. Pelotas: Ed. Basibooks

TUAN, Y. F. (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel,

YIN, R. K. (2019). *Estudo de caso: planeamento e métodos*. Tradução de Daniel Grassi. 5ª Edição. Porto Alegre: Bookman.

*Mestre em Ambiente e Desenvolvimento Sustentável das Comunidades. Docente na Universidade Save-Extensão da Maxixe.

Email: tofeloamarall@gmail.com